

AS (RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES FEMININAS ATRAVÉS DA ANÁLISE DISCURSIVA DAS TIRAS DA MAFALDA

Larissa Zanetti Antas
Universidade Federal Fluminense
laryzanetti@hotmail.com

A busca por um espaço cada vez mais justo, de igualdade de direitos e deveres, é algo que acompanha a história da mulher. Desde o início do século XIX, com a organização do Movimento Feminista, as mulheres reivindicam seus direitos, uma posição mais atuante na sociedade, o rompimento com estereótipos femininos que às reduzam a uma posição de subordinação.

Este movimento social possui um peso muito importante e de essencial citação quando se fala sobre a luta da mulher para conquistar seus direitos. É a partir das reivindicações iniciadas pelas feministas no início do século XIX que se consegue conquistar espaços nunca antes alcançados por esta. É importante dizer que não se tratava apenas de “marcar território”, mas sim representava desconstruir pensamentos e visões machistas, de homens e de mulheres, e lutar por uma liberdade e pela não discriminação.

Embora se saiba que existam várias filiações teóricas feministas, sendo algumas mais radicais que outras, o que se pode observar é que todas lutam pelo fim da opressão feminina.

Em cada uma dessas filiações teóricas usualmente se reconhece um móvel ou uma causa central para a opressão feminina e, em decorrência, se constrói uma argumentação que supõe a destruição dessa causa central como o caminho lógico para a emancipação das mulheres. (LOURO, 1997, p.20)

Quando se fala em opressão feminina, o que se pode ver é que este é um fator ainda muito recorrente. E são muitas as formas de opressão, como o preconceito da mulher seguir “profissões de homens”, como jogadora de futebol, pilota de avião; a opressão estética, de esta ter que se encaixar num padrão de beleza imposta pela sociedade, sendo a mídia uma das que propaga estes modelos a serem seguidos; e lógico, a opressão realizada através da violência física ou simbólica.

Este trabalho visa pensar sobre a mulher na sociedade dos anos sessenta a partir da análise discursiva dos enunciados das personagens Mafalda, Susanita e Raquel¹ criadas pelo cartunista argentino Quino. É importante ressaltar que toda reflexão que se propõe aqui sobre

¹Mafalda é a personagem principal das tirinhas. É filha de Raquel, dona-de-casa que não acabou os estudos porque se casou e construiu uma família. Susanita é uma das amigas da Mafalda, e seu maior sonho é casar-se e ter filhos.

a mulher está justificada também no ensino. O tema aqui em questão se apresenta como um dos que devem ser discutidos em sala de aula, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), de 1998. O documento apoia o ensino que forme alunos cidadãos, que desenvolva uma visão crítica sobre tudo aquilo que eles leem, comentam, escrevem. Sendo assim, alguns temas são sugeridos para que sejam discutidos junto aos alunos, os chamados Temas Transversais.

É de suma importância formar estudantes que reflitam e questionem sobre os acontecimentos sociais. E, entender o processo de transformação da identidade da mulher, tem uma grande importância histórica e social. A partir destas reflexões, pode-se entender a dificuldade destas no mercado de trabalho; refletir sobre o porquê de a mulher muitas vezes ser tachada, em vários âmbitos, como objeto; sobre o motivo da violência física ou simbólica² por ela sofrida.

Para iniciar, é importante pensarmos sobre conceito de identidade aqui utilizado. Segundo Woodward (2000), esta não é fixa e sim determinada por fatores histórico-sociais. Além disso, afirma que a identidade só adquire sentido através da linguagem, dos sistemas simbólicos pelos quais são representadas e da diferença. Sobre esta última característica a autora aponta:

“As identidades são fabricadas por meio da marcação da diferença. Essa marcação da diferença ocorre tanto por meio de sistemas simbólicos de representação quanto por meio de formas de exclusão social. A identidade, pois, não é o oposto da diferença: a identidade depende da diferença- a simbólica e a social- são estabelecidas, ao menos em parte, por sistemas classificatórios” (WOODWARD, 2012, p.40)

Sendo assim, a identidade feminina encontra-se entrelaçada a acontecimentos históricos importantes, que procurou tornar visível esta que sempre fora ocultada. Louro (1997) ressalta que as manifestações contra a discriminação feminina ganham mais visibilidade a partir do chamado “sufragismo”, movimento criado no final do século XIX para estender o voto às mulheres. Tal manifestação passa, posteriormente, a ser reconhecida como a “primeira onda” do feminismo. A autora ressalta que nessa primeira etapa, as questões pautadas estavam diretamente atreladas ao interesse das mulheres brancas de classe média, e que os temas centrais de reivindicação diziam respeito ao estudo, ao ingresso em determinadas profissões, à organização familiar.

No final da década de sessenta, há um crescimento no número de manifestantes, insatisfeitos com a discriminação, a segregação, o silenciamento, contra a tradição machista

² Conceito discutido por Bourdieu (1999), a violência simbólica corresponde a toda violência sofrida que não se tenha contato físico. Um exemplo claro seriam os insultos.

da sociedade e da política. Faziam parte deste público contestador mulheres, jovens, negros, estudantes e intelectuais. Na chamada “segunda onda” do feminismo, já não se lutava somente por questões sociais e políticas. É neste período que se inicia o desenvolvimento de teorias a respeito do assunto e começam a serem escritas obras que hoje são consideradas clássicas, como: *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedman (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969).

Mais de cinco décadas depois, essa batalha frente a uma sociedade machista continua, e ainda hoje podem ser encontrados movimentos atuantes como, por exemplo, a “Marcha das vadias”, que teve início em abril de 2011, em Toronto, como forma de protesto contra ao fato de alguns policiais canadenses pedirem que as mulheres não se vestissem como “vadias”, pois assim evitariam estupros. Esse movimento se espalhou por todo mundo, procurando reivindicar direitos e proteção às mulheres.

Refletir sobre as transformações no pensar e no comportamento das mulheres a partir dos anos sessenta é de grande importância, pois acredita-se que se trata de uma época que marca a história da mulher. Como corpus desta pesquisa foi utilizado, como já dito inicialmente, as tirinhas da *Mafalda*, retiradas do livro “Toda Mafalda”.

As tirinhas da Mafalda foram publicadas entre 1964 e 1973, e apresenta a personagem principal como uma menina de cinco a seis anos que contesta os principais problemas da época, como a progressiva mudança de costumes, a introdução da tecnologia, a ditadura. É uma criança de seis anos que se apresenta inconformada com tudo aquilo que vê na sociedade, procurando desconstruir as visões conservadoras sobre a política, a moral, a cultura.

Mafalda irá mostrar o inconformismo desta sociedade. A personagem se apresenta como símbolo de contestação e liberdade, sempre questionando os problemas vistos na época.

Mafalda surge de un conflicto, de una contradicción. A uno, de chico le enseñan una cantidad de ‘cosas que no deben hacerse’ porque ‘hacen daño’. Pero resulta que cuando uno abre los diarios se encuentra con que los adultos perpetran todas esas cosas prohibidas a través de masacres, guerras, etc. Ahí se produce el conflicto: ¿Por qué los grandes no hacen lo que enseñan? (Trecho da entrevista de Quino sobre Mafalda, feita por Rodolfo Braciale, em Buenos Aires, abril de 1978)

Uma personagem que se apresentou rica para abordar o tema, e que apresentava um discurso sobre a mulher, como mãe e dona-de-casa, e também, uma forte crítica a esses dois posicionamentos tradicionais à mulher. A escolha por esse material foi motivada,

principalmente, pela simultaneidade temporal da criação das tirinhas com a época de efervescência do feminismo. Visualizar os enunciados das três personagens femininas, Mafalda, Susanita e Raquel, foi um incentivo para criar um trabalho que pensasse sobre a construção da identidade feminina em relação a dois principais eixos: maternidade e trabalho.

Os embates entre as três personagens mostra as transformações que ocorriam nos anos sessenta através das diferenças no comportamento de nas ideias que estas tinham. Enquanto Mafalda só pensava em seguir carreira, e atacava a sua mãe por esta ter largado os estudos para constituir uma família, sua amiga Susanita só pensava em arranjar um marido rico e ter filhos, como podemos ver nas figuras 1 e 2.

FIGURA 1:



FIGURA 2:



A análise das tiras selecionadas é realizada com base em perspectivas discursivo/enunciativas. Parte-se do pressuposto do princípio de que o discurso não seria representação do mundo. Ou seja, não se interpreta aqui que os enunciados das três personagens sejam reproduções exatas do que a sociedade estava passando na época com o *boom* do feminismo. Entende-se que estes ajudam a refletir sobre uma determinada época e sobre as mudanças que nela surgiram.

Assim, como diz Maingueneau (2011), todo o enunciado irá provocar uma ação no outro, pois ao falar ou ao escrever, você está exercendo uma função no outro, logo isso não

pode ser interpretado como representação do mundo. Toda enunciação irá constituir-se em um ato que visará modificar uma situação; então se um sujeito está escrevendo ou falando sobre um determinado assunto ele está querendo gerar uma modificação em seu(s) destinatário(s). Isso significa que sempre ocorrerá uma *interatividade*, entre o falante e o destinatário.

Toda enunciação, mesmo produzida sem a presença do destinatário, é, de fato, marcada por uma *interatividade* constitutiva (fala-se também em *dialogismo*), é uma troca, explícita ou implícita, com outros enunciadores, virtuais ou reais, e supõe sempre a presença de uma outra instância de enunciação à qual se dirige o enunciatador e com relação à qual se constrói o próprio discurso. (MAINGUENEAU, 2011, p. 54)

Bakhtin (2011) diz ainda que ao ouvir o discurso o ouvinte tem uma atitude responsiva, pois ele pode concordar, discordar, ou até mesmo, usá-lo. Assim, toda compreensão é passível de resposta, e é o que faz o ouvinte se tornar falante. Bakhtin salienta que “cedo ou tarde, o que foi ouvido e ativamente entendido responde nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte” (Bakhtin, 2011, p.272).

Nessa concepção de discurso, parte-se do princípio de que o falante e o ouvinte se influenciam, no sentido de que os enunciados proferidos pelos sujeitos provocam sempre uma reação no ouvinte, antes mesmo que este tenha respondido.

O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva; ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução. (BAKHTIN, 2011, p.272)

Todo enunciado possui uma *intenção discursiva* de discurso ou uma *vontade discursiva* do falante (Bakhtin, 2011), isso significa que é a partir da compreensão do enunciado que se dá o entendimento do que o falante possivelmente queria dizer. Assim, pode-se dizer que a escolha do Quino de falar sobre o tema mulher em suas tirinhas tem uma intenção, uma finalidade, ponto que será discutido mais adiante.

Essa vontade discursiva se inicia, antes de tudo, pela escolha de um gênero discursivo. Logo, há uma relação entre o gênero discursivo e o enunciado presente nele. Partindo da ideia de que, assim como o enunciado, todo o gênero de discurso visa certo tipo de modificação da situação da qual participa (Maingueneau, 2011, p.66), pode-se dizer que o discurso traz uma finalidade (intenção). É essa finalidade que irá ajudar o destinatário saber a qual gênero de discurso este enunciado pertence. A determinação correta dessa finalidade é indispensável

para que o destinatário passa ter um comportamento adequado ao gênero de discurso utilizado (MAINGUENEAU, 2011, p.66).

As tirinhas de Quino retratam assuntos que seriam polêmicos de uma maneira crítica e leve, através do viés humorístico. Todos os questionamentos feitos pela personagem principal são revestidos por um toque de humor que começa desde o ponto de vista de que esta é uma criança que está no pré-escolar, mas pensa como uma adulta. Assim, pode-se dizer que a finalidade dessas tiras não só são questionar um determinado assunto, mas é também promover uma ação de reflexão no leitor através do humor.

A seleção das tirinhas para análise se deu a partir do livro *Toda Mafalda*, de onde foi possível destacar 73 tiras que apresentavam como tema assuntos relacionados a mulher. Essa seleção não seguiu nenhum critério específico, apenas selecionou-se as que tinham referência ao tema aqui estudado. Dessa primeira seleção resolve-se encaixá-las em três grupos. O primeiro, com um total de 25, correspondendo às tirinhas que falavam sobre a mulher como dona de casa e dedicada à família e ao marido. O segundo, num total de 35, que corresponde a aquelas referentes ao universo do mercado de trabalho. Por último, com 13, um grupo que se refere a comportamentos da mulher considerados como fúteis (pela Mafalda), principalmente no que se refere à beleza.

Esta é uma pesquisa que ainda se encontra em andamento, pois se trata de um projeto de dissertação de mestrado em Linguística Aplicada. Sendo assim, o que se pretende após esta divisão dos grupos é mais uma vez selecionar as tiras que serão analisadas de acordo com as teorias linguísticas e de identidade.

O que se pretende é que a partir dessas vozes femininas encontradas em Mafalda se reflita sobre a mudança no perfil da mulher dos anos sessenta e no quanto isso está atrelado aos acontecimentos da época. Parte-se do princípio de que essas mudanças sociais são realizadas na e pela linguagem, e de que são elas que constituem a identidade dos sujeitos.

Usar aqui como corpus a Mafalda é de especial importância. Além de ser um material utilizado por mim em diversas aulas de ensino de espanhol como língua estrangeira, e portanto, um objeto que eu tinha uma certa familiaridade, todas as características já mencionadas de “menina contestadora da realidade”, bem como o período em que esta foi criada, encaixam-se perfeitamente com o propósito apresentado por este projeto. Visto que um dos temas de discussão da menina Mafalda era a mulher, este corpus auxilia no objetivo principal desta pesquisa que é o de apresentar e contestar o posicionamento da mulher na sociedade.

Como professora, uma das minhas grandes tarefas é ensinar meu aluno a questionar tudo aquilo que chega até ele; é fazer com que ele se sinta e se porte como cidadão, para que tenha consciência dos seus direitos e deveres. Sendo as tirinhas um material de fácil acesso (são encontrados em jornais, revistas, internet) e de preferência entre os jovens, usá-las para discutir um tema que é de grande importância social parece enriquecedor. Segundo Foucault (2010), a escola aparece como uma das instituições de poder que determinam os modelos que a sociedade deve seguir, a chamada por ele *docilização dos corpos*. Um posicionamento que questione estes modelos torna os alunos cidadãos mais críticos.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. “A dominação masculina”. Tradução: Maria Helena Kühner. Editora Art Line. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BRANDÃO, R. “Introdução a análise do discurso”. 2ª ed. rev. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

CARVALHO, J. R. “O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível” In: XIV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, 2010, RJ. Anais do XIV CNLF. Rio de Janeiro : UERJ, 2010. v. XIV. p. 1652-1659.

FOUCAULT, M. “Vigiar e punir: nascimento da prisão”. Tradução de Raquel Ramalhete. 38. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LOURO, G. L. “Gênero e sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista”. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MAINGUENEAU, D. “Análise de textos de comunicação”. Tradução Souza-e-Silva, C. P.; ROCHA, D. São Paulo: Cortez, 6ª ed., 2011.

MENDONÇA, Márcia Rodrigues de Souza. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONISIO, Ângela Paiva; MACHADO, Anna Rachel & BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MUSSALIM, F. “Análise do discurso” In.: “Introdução à Linguística 2: domínios e fronteiras”. SP: Cortez, 2001.

NIGRO, C.M.C. “Identidades em exclusão: as personagens femininas de Tony Morrison e Maya Angelou”. In: MOITA LOPES, L.P. & BASTOS, C. *Para além da identidade: Fluxos, movimentos e trânsitos*, Belo Horizonte: editora UFMG, 2010.

RAMOS, P. “A leitura dos quadrinhos” 1ª ed., 1ª reimpressão. SP: Contexto, 2010.

SIQUEIRA, T.L. “Joan Scott e o papel da história na construção das regras de gênero”. In: SCOTT, Joan. *Gênero uma categoria útil para Análise Histórica*. Revista Ártemis, v.8, pp 110- 117, jun 2008.

WOODWARD,K. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In.: SILVA, T.T. da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 11ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.